

OS SALMOS COMO LIVRO DE ORAÇÕES PARA JUDEUS E CRISTÃOS

Elton da Silva SANTANA. Mestre em Teologia pela PUC/SP; mestrando em filosofia pela UFABC; Professor na Faculdade Paulo VI; Professor no Instituto de Teologia São Miguel.*

Resumo

Os Salmos são verdadeiro manual de oração, comum a judeus e cristãos. Nele, o orante encontra o caminho para o diálogo profundo e verdadeiro com o Senhor. É nesta perspectiva que concebemos o desenvolvimento histórico dos salmos no seio do Antigo Israel, até os dias atuais, seja nas comunidades judaicas, seja nas comunidades cristãs. Buscamos com este arquivo apresentar brevemente as origens dos salmos, seu uso no Antigo Israel até a composição de salmos extracanônicos no interior de comunidades judaicas do deserto. Além disso, procuramos apresentar como os salmos foram utilizados posteriormente, especialmente, pela tradição rabínica e, também, na tradição litúrgica da Igreja.

Palavras-chave: Salmos. Midrash Tehillim. Sidur. Liturgia das horas.

Abstract

The Psalms are a true manual of prayer, common to both Jews and Christians. In them, the pray-er finds the way to a deep and true dialog with the Lord. It is from this perspective that we conceive of the historical development of the psalms within Ancient Israel, right up to the present day, both in Jewish and Christian communities. With this archive, we aim to briefly present the origins of the psalms, their use in Ancient Israel up to the composition of extracanonical psalms within Jewish communities in the desert. In addition, we seek to present how the psalms were used later, especially by the rabbinic tradition and also in the liturgical tradition of the Church.

Keywords: Psalms. Midrash Tehillim. Sidur. Liturgy of the Hours.

Introdução

Os salmos são um conjunto de hinos de difícil identificação autoral, mas, sem dúvida, nasceu de modo coletivo, sobretudo, no seio das comunidades orantes do Israel bíblico. Se podemos identificar a existência e possível origem de salmos – hinos de louvor, no Antigo Egito, isso não significa que o antigo Israel não tenha produzido os seus próprios hinos de louvor, mesmo que inspirados ou ressignificados. De todo modo, o conjunto de salmos deu origem a um livro utilizado hoje tanto por judeus como por cristãos através da Bíblia Hebraica (e sua tradução para outras línguas como o grego – Septuaginta ou o latim – Vulgata).

* E-mail: eltonsilvasan@gmail.com

A partir do livro dos salmos e seguindo a tradição do Antigo Israel, judeus e cristãos procuraram nele cultivar, cada qual, a sua espiritualidade orante. Isso ocorrerá, sobretudo, através da comunidade orante. Para os judeus, especialmente, nas sinagogas. Para os cristãos, nas casas e, posteriormente, nos mosteiros e catedrais.

Tais práticas orantes fizeram que judeus e cristãos colocassem o conjunto dos salmos no coração da prática orante de suas comunidades. Com isso, a partir desta prática surgiu o Sidur, o principal livro de orações da comunidade judaica a partir dos salmos. Entre os cristãos, especialmente para a Igreja Católica, surgiu a Liturgia das Horas, também desenvolvido a partir da prática orante dos salmos.

Desse modo, gostaríamos de apresentar as origens e importância dos salmos no Antigo Israel e seu uso posterior nas comunidades judaicas e cristãs, especialmente, na Igreja Católica. Este pequeno trabalho será baseado no levantamento bibliográfico e discussão crítica a seu respeito.

Os salmos no Antigo Israel

O livro dos Salmos¹ que encontramos na Bíblia Hebraica (e na Bíblia Cristã) é uma coletânea com outras coleções de textos (poemas líricos) em forma de hinos. Certamente, os hinos não surgiram no Antigo Israel. Estes eram comuns entre diversos outros povos do antigo Oriente Próximo. Mas, a maioria dos especialistas atribuem ao Antigo Egito suas origens.

Por volta do século XIV a.C., no Antigo Egito, sob a corte (ou pouco anterior a dele) do faraó Amenhotep IV (Akhenaton), foram compostos (ou reconfigurados) uma série de hinos dedicados ao deus egípcio Aton. Há, inclusive, entre os 150 salmos bíblicos alguns identificados com estes (Sl 104 e os chamados *hallel egípcios*² Sl 113-118). (GRENZER, 2017, p.9) É bem provável que muitos desses hinos egípcios tenham sido divulgados em toda a região, até porque nesse período o Egito controlava esta faixa litorânea do mar Mediterrâneo, desde o deserto de Neguev até o sul da Mesopotâmia. Além de divulgados, muitos povos puderam se inspirar neles e/ou adaptá-los a suas divindades locais. E o antigo Israel teria feito o mesmo.

Desde o avô, Tutmósis IV (1425 – 1417 a.C.), passando pelo pai Amenhotep III (1417 – 1379 a.C.), Amenhotep/Akhenaton (1379 – 1362 a.C.) foi sendo, aos poucos,

¹ Para este artigo utilizaremos a tradução de Matthias Grenzer (2017) para todas as citações sálmicas.

² Na tradição judaico-cristã, estes salmos serão conhecidos como *Salmos Messiânicos de Hallel*. Cf. ARAÚJO, 2011, p.68.

acentuado o culto ao Deus Aton (“o disco do sol”) até virar com Akhenaton um culto monoteísta (talvez o primeiro da história). Este estabeleceu ainda uma nova capital, inclusive, dedicada a Aton, Akhetaton, “horizonte de Aton” (Tell el-Amarna). (DAVID, 2011, p.288)

A doutrina desenvolvida com o culto atonista no Antigo Egito, por Akhenaton, está sintetizada no “Grande Hino a Aton” e no “Hino Menor”. Neles, são enfatizados a “supremacia” de Aton como “Deus Único” (“Ó Deus Único, igual não existe outro!”); é o “criador de toda a humanidade” (“Você colocou cada pessoa em seu lugar...”); e sua natureza “transcendental” e criador de tudo (“A terra veio a existir como resultado de sua mão, ... você mesmo é a vida, e os homens vivem em você”) (DAVID, 2011, p. 299).

A seguir, vejamos um pequeno quadro comparativo de alguns trechos do Grande Hino a Aton e do Salmo 104, baseado em David (2011, p. 302-303):

Salmo 104	Hino a Aton
Faz brotar capim para o gado e as plantas para o cultivo do ser humano, para fazer sair da terra o alimento (Sl 104, 14)	Seus raios sustentam todos os campos; quando seu brilho é forte, eles vivem e crescem para você. Você marca as estações para nutrir tudo aquilo que fez.
Dispões treva e há noite; nela se move todo animal do bosque. Os leões jovens rugem por uma presa e por procurarem em Deus sua comida. (Sl 104, 20-21)	Todos os leões saem da toca, e todas as serpentes mordem. A escuridão paira, e a terra está silenciosa enquanto o criador repousa em seu horizonte.
Quando o sol brilha, recolhem-se e, em seus covis, reclinam-se. Então o ser humano sai para seu afazer; para seu serviço, até a tarde. (Sl 104, 22-23)	A terra se ilumina quando você surge no horizonte [...] as Duas Terra fazem a festa. Despertadas, levantam-se, pois você está sobre elas [...]. Toda a terra busca o seu trabalho.
Eis o mar, grande e espaçoso em extensão, onde há répteis incontáveis, animais pequenos com os grandes. Ali navegam navios; há o Leviatã que formaste para brincar com ele. (Sl 104, 25-26)	Navios transitam para o norte e também para o sul. Todas as rotas se abrem quando você surge. O peixe no rio pula diante da sua face, seus raios estão no meio do mar.

Também houve salmos (hinos de louvor), como já falamos, desenvolvidos por outros povos no Antigo Oriente Próximo. O salmo 29, por exemplo, é possivelmente de inspiração canaanita. No entanto, não é o nosso objetivo explorar a todos. Mas, apenas apontar que o Antigo Israel compôs seus hinos de louvor (salmos) não como uma novidade para a região, todavia, em consonância com os ares culturais já existentes. O que não significa, por outro lado, que simplesmente copiaram. Como vimos no quadro acima, há uma ressignificação. É

claro, também, que os seus salmos estão direcionados ao culto ao Deus de Israel e à história do próprio povo na sua relação com Deus.

Ciente da existência e antiguidade de outros hinos de louvor, especialmente, dos egípcios, provavelmente, houve diversas tentativas de dar “autoria” aos salmos, atrelando a sua composição a figuras notáveis na história do Antigo Israel. Seria possível, inclusive, que atrelar a autoria dos salmos ao rei Davi (o “rei poeta”), em quase metade (73 de 150), justificaria certa antiguidade e originalidade. O fato de atribuir textos, livros ou narrativas a um autor importante para a História de Israel, não é algo estranho na própria literatura bíblica. Por exemplo, a própria autoria da Torá (Pentateuco) a Moisés.

As razões da “davidização” do Saltério são múltiplas, e sua valorização nem sempre foi a mesma no decurso da canonização dos salmos e de sua interpretação. Embora indispensável para a exegese, a leitura “canônica” não pode nem de longe reivindicar a prioridade sobre as outras leituras do Saltério, pois na história dos salmos o aspecto de sua “unificação” em uma coletânea canônica é largamente secundário (e tardio) em relação à profunda diversidade que caracteriza a origem desses textos poéticos e sua função primitiva. (ROSE, 2010, p.598)

De todo modo, os salmos na história do cânon bíblico é uma dádiva na histórica do Antigo Israel. Através deles, o salmista, expressa a caminhada existência do povo de Israel. Não à toa, muitos salmos “resumem” a história do Israel bíblico; seus percalços e sua dependência do SENHOR.

A primeira peça litúrgica utilizada para os sacrifícios no Antigo Israel eram os cânticos de louvores ou salmos. Os salmos permitem a participação de todas as pessoas, desde sacerdotes até o povo em geral (inclusive as mulheres)³. Os cânticos ou salmos não chegam a ser uma oração individual de fato, apesar de alguns afirmarem, mas parte fundamental da liturgia; é obra coletiva e feita para a comunidade orante. O livro dos Salmos era o livro de hinos e de orações do período do Segundo Templo. Como atesta a própria tradição cristã deste período, por exemplo, na obra lucana, que inclusive ajuda a sacramentar este nome à coleção: “Pois o próprio Davi diz no livro dos Salmos: ‘Disse o Senhor a meu senhor: Senta-te à minha direita.’” (Lc 20,42) E “Porque está escrito no Livro dos Salmos: “Com efeito, está escrito no livro dos Salmos: ‘Fique deserta sua morada, e não haja quem nela habite’”. (At 1,20) A obra lucana, assim como outros escritos do Novo Testamento, estão baseados na versão grega do Antigo Testamento (Septuaginta) (WEISER, 1994, p. 10).

³ Hoje, o livro dos Salmos é um livro sagrado comum entre judeus e cristãos. Para ambos, é fundamental para o uso meditativo e, sobretudo, litúrgico.

O livro dos Salmos ou saltério vem do grego *Psaltérion*, de *psalmos* (Ψαλμός) que significa “dedilhar um instrumento de cordas”, do qual, passou a ser o nome do instrumento de cordas (*nebel*) que acompanhava os cânticos, os salmos. Que depois, segundo a tradição da LXX (Septuaginta), foi incorporada de vez ao conjunto dos cânticos. Em hebraico, o Saltério é chamado de *tehillim*, que significa hinos, “(livro dos) louvores”, segundo designação usual e antiga no judaísmo, atestada em Qumrã, por exemplo, em 11QPS^a, do século 1.d.C e utilizada até hoje pelo judaísmo rabínico. (ZENGER, 2003, p.309) Portanto, será a LXX quem consagrará o termo “(livro dos) Salmos”, que será usual no cristianismo, segundo tradução do termo hebraico *mizmōr*, “coleção de cantos”. No entanto, só se aplica adequadamente este termo a certo número de salmos (57 títulos de salmos), mas a tradição consagrou o nome saltério ou salmos aos 150 compostos (WEISER, 1994, p. 10).

Nos canais da Babilônia, lá sentamos e choramos, quando nos lembramos de Sião. Nos salgueiros em seu meio, penduramos nossas cítaras. Porque lá os que nos deportaram exigiram-nos palavras de canto, e nossos carrascos, alegria: “Cantai para nós um canto de Sião!” Como poderíamos cantar um canto do SENHOR em solo estrangeiro? (Sl 137, 1-4)



Imagem 1: Possivelmente, um guerreiro assírio afastando tocadores de lira da Judeia. Faz lembrar o Sl 137. (ROSE, 2010, p.597)

Um dos manuscritos mais antigos que atestam o nome do livro dos Salmos como “Saltério” é o *Códice Vaticano (B)*, datado do século IV d.C. Ele é uma das mais importantes testemunhas da LXX (Septuaginta), antes das revisões que esta sofreu, contém todos os livros da Bíblia Hebraica em grego e atesta no cabeçalho o termo *psalmói*, isto é, saltério, conforme imagem abaixo. (BROTZMAN e TULLY, 2021, p.104.)



Imagem 2: foto do Codex Vaticanus, fólio 625. Logo acima do Salmo 1, podemos ver a anotação Yalmoi, isto é, *psalmói* = salmos / saltério.⁴

O livro dos Salmos tem curiosamente uma divisão similar ao Pentateuco (Torá), isto é, está dividido em toda a sua estrutura em cinco partes: 1 – 41; 42 – 72; 73 – 89; 90 – 106; 107 – 150. Cada uma dessas cinco partes se encerra com um tipo de fórmula de bênção ou “doxologia semelhante”. O redator que finalizou a estrutura dos salmos num “livro”, possivelmente, um piedoso e/ou de tradição farisaica, coloca o livro dos Salmos em relação à Torá⁵. Apesar que houve diversas outras formas de dividi-lo.

O comentário rabínico dos Salmos (*Midrash Tehillim*) evoca assim a estrutura do Saltério: “Assim como Moisés deu cinco livros de leis a Israel, assim Davi deu cinco livros de Salmos a Israel”. Isso significa que a organização do livro dos Salmos está orientada pela Torá enquanto modelo de um texto canônico e litúrgico. (ROSE, 2010, p.598)

Como vimos, os salmos não são invenção israelita, porém, logo é introduzido em sua cultura para festejar o seu dia a dia: colheita, casamento, exaltação do monoteísmo (Jz 21, 19-21), centralização do culto (2Sm 6, 5.16) etc.

Logo que surge o culto no Templo, sobretudo, no período do Segundo Templo, é introduzido os salmos como uma das peças principais da liturgia – logo atrás das oferendas e da leitura da Torá. Temos alguns exemplos de salmos que eram utilizados no Templo e/ou em peregrinação a ele. São os chamados cantos de peregrinação ou “Canto das subidas” à Jerusalém (Templo). Por exemplo, “Como montes estão ao redor de Jerusalém, o Senhor está

⁴ Cf.: < https://digi.vatlib.it/view/MSS_Vat.gr.1209>. Acesso em: 15 out. 2024

⁵ Em muitos manuscritos, o livro dos Salmos é o primeiro entre os chamados *Escritos*, segundo divisão canônica da Bíblia Hebraica. Segundo a tradição rabínica, a Bíblia Hebraica está dividida em três partes que, segundo o acróstico de cada uma dessas partes: *Torá*, *Nebiin* e *Ketubin*, formam o termo *Tanakh*. Cf. Rose (2010, p.579).

ao redor de seu povo, desde agora e para sempre” (Sl 125,2); “De Sião, o SENHOR te abençoe! Vê o bem-estar de Jerusalém, todos os dias de tua vida!” (Sl 128,5) e; “Que todos os que odeiam Sião se envergonhem e se afastem para trás” (Sl 129,5).

Há outros salmos que sabemos da sua importância e uso, seja dentro ou fora do Templo, ou até da Sinagoga, pelos seus títulos acrescidos em hebraico ou grego. Mesmo que originalmente não tenham tal finalidade, vale a importância dada posteriormente a eles e introduzido numa ocasião de festa ou celebração, no interior de uma comunidade judaica. Vejamos o salmo 92, que é dedicado ao ofício do *Shabbat*, isto é, do sábado:

Um salmo. Um canto para o dia do sábado (מְזִמֹּר שִׁיר לְיוֹם הַשַּׁבָּת) Sl 92,1. É bom agradecer ao SENHOR e salmodiar teu nome, ó Altíssimo, anunciar tua lealdade de manhã e tua fidelidade durante as noites, com o instrumento de dez cordas e com a lira, com o dedilhar do som da cítara. (Sl 92, 2-4)

O salmo 94, basicamente, era utilizado como reforço a leitura e ensinamento da Torá no Templo e, posteriormente, nas sinagogas. “SENHOR, feliz o varão que corriges, es que, com tua instrução, ensinas, para acalmá-lo nos dias do mal, até que seja cavada uma cova para o perverso!” (Sl 92, 12-13) É claro aqui que é Deus quem corrige e instrui.

Também há salmos que eram utilizados e, talvez compostos, especificamente para certas festividades. Os salmos 113-118, ficaram conhecidos no período do Segundo Templo como “Salmos Messiânicos de Hallel”, pois “são os principais Salmos litúrgicos da Festa de Sucot” [festa das Tendras]. (ARAÚJO, 2011, p. 68) Mas, também, eram utilizados em outras grandes festas de peregrinação como a Festa da Páscoa e a Festa das Luzes/Dedicação. Para esta última, havia ainda outro salmo discriminado com um “título”, evidentemente, não fazia parte do texto original: (מְזִמֹּר שִׁיר־חֲנֻכָּת הַבַּיִת לְדָוִד) “Salmo. Canto de dedicação da casa. De Davi”. Estas festas eram celebradas em peregrinação ao Templo em Jerusalém. Através destes salmos era ainda “cantado pelos judeus nas sinagogas e nas casas” (GRENZER, 2017, p. 267).

Aleluia!
Louvai, ó servos do SENHOR,
louvai o nome do SENHOR!
Bendito seja o nome do SENHOR.
Desde agora para sempre!
Do levante do sol até o seu poente,
seja louvado o nome do SENHOR!
O SENHOR se eleva sobre todas as nações;
sua glória está acima dos céus!
Quem é como o SENHOR, nosso Deus,
que, ao se assentar, se enaltece
e, para ver nos céus e na terra,

se abaixa?
Do pó ergue o necessitado;
do esterco eleva o pobre,
para fazê-lo assentar-se junto aos nobres.
Junto aos nobres de seu povo.
A estéril da casa faz assentar-se
como alegre mãe de filhos.
Aleluia! (Sl 113)

Os salmos têm um sabor especial, mesmo que seus autores os tenham produzido num determinado contexto, devido ao seu teor universal; são expressões do coração humano e não desta ou daquela pessoa em particular. Os salmos remetem-nos a um estado de tranquilidade e contato com Deus e seus atributos de aconchego. É belo e vibrante quando se canta o salmo 23, especialmente em momentos em que velamos os mortos, o seu teor nos conduz a certeza do Infinito e da ressurreição, conforme a tradição judaico-cristã: “O SENHOR é meu pastor, não sinto falta de nada” (Sl 23,1).

Os salmos são uma das formas mais sublimes de contemplarmos a Deus em suas atribuições aqui na terra. Pois, sentimos vivamente a sua presença a todo o momento e necessitamos dialogar, ter uma vida conjugal com Ele, ser fiel ao Seu projeto e louvar as Suas graças em nosso meio. Ao salmodiarmos a nossa alma canta poeticamente as benesses da vida em quem tem Deus a seu favor. “Quem salmodia abre seu coração àqueles sentimentos que brotam dos salmos”. (REYNAL, 1981, p. 308.) Por isso, Israel soube desde o princípio como responder ao chamado de Deus: salmodiando a Ele com os lábios e com o coração – com a vida; é por isso, que no decorrer da história o povo israelita soube sabiamente aperfeiçoar o seu modo íntimo de proximidade com Ele, seja nas Sinagogas de hoje com o Sidur, seja nas comunidades eclesiais da Igreja Católica com a Liturgia das Horas e as piedades populares. Vejamos a frente a evolução e alguns aspectos importantes da oração na vida do Povo de Israel.

Os salmos na tradição judaica

As diversas tradições judaicas continuaram utilizando os salmos como principal instrumento litúrgico, mesmo longe do Templo. Como já dissemos, é muito provável que os salmos foram organizados no contexto do período do Segundo Templo. No entanto, eles eram utilizados pelos judeus da diáspora, nas casas e/ou nas sinagogas, especialmente na Babilônia. Mas também foi o principal instrumento litúrgico e de oração pessoal para aqueles grupos ou comunidades judaicas que voluntariamente ou não optaram por se afastarem do judaísmo do Templo, é o caso dos judeus da comunidade de Qumrã.

Os qumranitas eram parte de um movimento de reforma substancial no judaísmo do segundo século. Igualmente incertos e disputados são os detalhes da história da

seita. Os qumranitas eram apenas um grupo de essênios. Outros viviam no campo ou em vilas. A própria seira de Qumrã parece ter se dividido. (NICKELSBURG, 2011, p. 242)

Em Qumrã, foram encontrados diversos textos que expressam a vida daquela comunidade judaica que foi da época do Segundo Templo e de Jesus⁶. Nele foram encontrados vários manuais de orações e salmos e comentário sobre salmos, como o encontrado na caverna 4 (4QpSL^a [4Q171]). Alguns salmos são extracanônicos, porém, ajudam a compreender que a composição dos salmos ocorreu no interior de comunidades orantes e sua composição permaneceu posterior aos “150 salmos canônicos”. Não restam dúvidas que estes “salmos do deserto” expressam uma beleza grandiosa quanto ao seu teor. Observemos o chamado “Hino do Criador”:

Grande e Santo é YHWH, o Santo dos Santos, de geração em geração.
Diante dele caminha a glória. E atrás dele retumbam as águas abundantes.
Bondade e verdade rodeiam o seu rosto, verdade, retidão e justiça, são a base do seu trono.

Ele separou a luz das trevas, assentou a aurora com o conhecimento de seu coração. Então todos os seus anjos o viram e cantaram pois ele lhes mostrou o que não conheciam. Recobriu as montanhas com produtos, alimento perfeito para todo o vivente.

Bendito seja quem fez a terra com sua força, assentado o orbe com sua sabedoria. Com seu conhecimento estendeu os céus e tirou [o vento] se seus silos: [com os raios] desatou [a chuva] e fez subir as nuvens do fim [da terra]. (MARTÍNEZ, 1994, p. 354-355.)

Em Qumrã, foram encontrados alguns rolos com os salmos canônicos, isto é, os salmos da Bíblia Hebraica, mas também salmos que talvez tenham sido compostos no interior dos diversos grupos de oração e/ou até na própria comunidade.

O *Rolo dos Salmos* da Caverna 11 de Qumrã “é um dos maiores e mais bem preservados rolos de Qumrã, com os dois terços superiores de vinte e quatro colunas de texto fluentes (4.25 metros de rolo)”. Além de muitos dos salmos (101-104, 109, 118-119 e 121-150), todos em hebraico. Há ainda, nas últimas dez colunas “nove composições não encontradas no cânon hebraico” (NICKELSBURG, 2011, p. 325).

No primeiro século antes de Cristo, foram compostos salmos intitulados como “Salmos de Salomão”. Eles foram feitos entre círculos de judeus que se designavam como “os piedosos” e “os jutos”. A principal diferença desses salmos para os canônicos “é o seu caráter didático”. Neles, não somente se louva à Deus ou se “dá graças pelo livramento da aflição”,

⁶ “As escavações arqueológicas em Qumrã têm revelado duas (alguns diriam três) fases da ocupação judaica no local entre 100 (ou 130) a.E.C. e 68 E.C, quando o exército romano sob Tito invadiu o lugar durante a Guerra Judaica”, conforme Nickelsburg (2011, p.240).

como, por exemplo, explica os motivos da aflição que pode servir como “correção para os justos da nação”. (NICKELSBURG, 2011, p.446)

Na tradição rabínica, os salmos também alcançaram a sua importância. Eles são verdadeira síntese da história da salvação, ou seja, carregam certo teor histórico, mas também profético. Além de se tornarem o livro de oração por excelência (*Tehilim* - louvores), tornaram-se fonte de inspiração para a composição de outros hinos de louvor e orações para a vida diária. Tanto o Talmud da Babilônia como o Talmud de Jerusalém destacam a sua importância para a vida de oração.

O Saltério é sem dúvidas o “livro de cânticos (e de preces) da comunidade judaica”. Pois, em seus títulos e outros lugares dos salmos é possível encontrar indicativos de seu uso litúrgico, seja no Templo, seja nas sinagogas do judaísmo tardio. Encontramos estes vestígios litúrgicos por meio de termos como *Halleluia* em salmos como os 105; 106; 111-113; 115; 117; 135; 146-149. Também os “salmos do *hallel*”, utilizados na “Páscoa e outras grandes festas”. Os salmos também eram utilizados, conforme “o livro de orações da sinagoga, no sábado, em dias de festa e dias de semana” como livro de “reza” (WEISER, 1994, p. 11).

A tradição rabínica procurou ressaltar a importância dos salmos sobretudo através do *Midrash⁷ Tehillim* (*Midrash Shocheh Tov*). O *Midrash Tehillim* é um midrash sobre o livro dos Salmos. Ele está entre os *midrashim* (plural) “editados pelas gerações savoraitas do século VII ao IX da era comum” (GUERTZENSTEIN, 2013, p. 20).

O livro de *Tehilim* (תהילים) ou livro dos salmos é o coração orante da comunidade judaica. É verdadeiro livro de orações e fonte das demais orações existentes até hoje na vida da comunidade judaica, seja nas sinagogas seja no seio familiar. Com os salmos o judeu orante aprendeu a bendizer (*berakah*) à Deus a todo o momento. A tradição sálmica suscitou no povo judeu o costume de rezar sempre e por tudo o que Deus realizou e continua presente em seu seio. Desse modo, surgiu a *tefillah* = a Oração; que contém as dezoito bênçãos, a Amidá. A *Tefillah*, com o *Shemá* e a *Torá* formam a tríade essencial para a vida de fé do judaísmo (SANTE, 2004, p. 93). A Amidá está presente hoje no livro de orações do Sidur. Ele é utilizado nos diversos momentos e lugares da vida orante judaica.

O Sidur é um dos principais livros de oração do judeu hoje. Ele traz uma série de orações advindas desde o final do período do Segundo Templo, como as “Dezoito bênçãos” (Amidá) e orações desenvolvidas pelas comunidades rabínicas ao longo da Idade Média. Ele

⁷ “O Midrash é um compêndio de estudos que intimam análises textuais que estabelecem interpretações e significados. O termo Midrash é usado para se referir a um estudo que pode incluir múltiplas interpretações.” (GUERTZENSTEIN, 2013, p.18)

foi compilado pela primeira vez no século X d.C., e passou por uma série de revisões até a atual. De todo modo, seja o Sidur, seja outros livros de oração ou louvor a Deus, são frutos e estão em consonância com a espiritualidade do saltério (SANTE, 2004, p. 39).

Os salmos na tradição cristã

Os salmos têm importância fundamental para a vida de fé e oração dos cristãos. A sua importância já é atestada no interior dos próprios livros sagrados contidos no Novo Testamento (NT). Os salmos são os textos do Antigo Testamento (AT) mais citados no Novo Testamento. Das mais de trezentas citações, somente os salmos são citados mais de cem vezes. Seguindo a ordem que consta na Bíblia Hebraica, conforme a 28ª edição da Bíblia Nestre-Aland, *Novum Testamentum Graece* (2012), dos cento e cinquenta salmos somente vinte e dois salmos não são citados. São eles os salmos 3, 12, 13, 20, 30, 52, 54, 58, 59, 60, 64, 83, 84, 108, 120, 121, 124, 127, 129, 131, 133 e 142. Os demais cento e vinte e oito salmos são citados nos livros do NT. Muitos, citados mais de uma vez.

Inclusive, inspirados no livro dos Salmos, muitos outros hinos foram compostos nas primeiras comunidades cristãs, ainda no período de redação dos livros do NT. Dentre os mais conhecidos podemos citar o *Benedictus* e o *Magnificat*. Inclusive, este último foi inspirado em outros hinos de louvor, não incluso no livro dos Salmos, mas presente em narrativas do AT, como o *Canto de Débora* (Jz 5) e o *Canto de Ana* (1Sm 2,1-10). Mas, há outros “hinos cristãos” presentes no NT.

Além disso, em muitos textos do NT Jesus incentiva a comunidade a rezar incessantemente. Por exemplo, na obra lucana encontramos a parábola da viúva e do juiz (Lc 18,1-8), em que claramente a oração aqui é concebida como uma atividade que deve ser insistente; também se deve “rezar a todo momento” (Lc 21,36). Portanto, além da prática dos salmos, os cristãos são incentivados a terem uma vida de oração.

Assídua ou perseverante é a outra característica da oração da comunidade dos tempos apostólicos. O pequeno grupo constituído depois da ascensão, por Maria, os Apóstolos e alguns irmãos, reúne-se “na sala de cima”: “todos unidos pelo mesmo sentimento, entregavam-se assiduamente à oração” (At 1,14). (CORDEIRO, 2015, p.30)

Os salmos também foram citados e estudados por diversos Padres da Igreja, seja do Ocidente, seja do Oriente. Dentre eles, podemos destacar o grande teólogo da Igreja do Ocidente, Santo Agostinho (354-430 d.C.), que escreveu uma obra volumosa de comentários aos salmos. Sua experiência com os salmos se dará após tentar um primeiro contato com o livro do profeta Isaías, do qual, teve muita “dificuldade e falta de compreensão”. Conforme ele mesmo relata em sua obra *Confissões* (Conf IX, 5,13): “Mas não o compreendi na primeira

leitura, e, julgando que todo ele era assim obscuro, deferi a sua repetição para quando estivesse mais experimentado na palavra do Senhor”. (AGOSTINHO, 1973, p.177) Sendo assim, ao recorrer ao bispo de Milão, Ambrósio, este o recomendará então que tivesse contato com os salmos. Assim, o bispo de Hipona relata o seu “encontro” com os salmos:

Que exclamações elevei até Vós, meu Deus, ao ler os salmos de Davi, esses cânticos de fé, esses hinos de piedade que baniam de mim o espírito da soberba! [...] Quantas exclamações proferia na leitura desses salmos e como me inflamava com eles, no vosso amor, desejando ardentemente recitá-los a toda a terra, se me fosse possível, para rebater o orgulho do gênero humano! Com efeito, são cantados em todo o universo, pois “não há ninguém que se subtraia ao vosso calor”. (AGOSTINHO, 1973, p.175; *Conf IX*, 4,8)

Chamamos atenção também dos chamados “Padres do deserto” e monges que na Antiguidade, independente da vida eremita ou cenobita, fizeram do livro dos Salmos verdadeiro livro de orações e louvores a Deus. Criaram uma verdadeira “Liturgia das Horas”. Esta prática ficou conhecida, ainda na Antiguidade, como “‘Ofício Monástico’, desenvolveu-se entre os monges que viviam no deserto egípcio; mais tarde, espalhou-se em diferentes formas por todo o mundo cristão” (MCNAMARA, 2022, p. 15).

É a partir da prática de oração que estes monges criaram, imitando piedosos judeus ou comunidades judaicas, o hábito da espiritualidade sálmica. Inspirando a vida dos primeiros cristãos, sobretudo, do clero e da vida consagrada a Deus. Além disso, nos “lugares santos” e, depois, com a criação das primeiras Catedrais, a reza dos salmos será uma prática cada vez mais corriqueira. A reza cotidiana nas Catedrais, que se tornara “o centro da vida litúrgica da comunidade”, criou o chamado “Ofício da Catedral”. Onde havia intensa atividade de oração ao longo do dia. Esta prática é atestada por Eusébio de Cesareia (263-339) e que foi bastante incentivada por Santo Ambrósio de Milão (339-397) que “selecionou salmos adequados para cada hora do dia e segundo a natureza da celebração”. Esta prática foi encontrada em diversos locais como “no Egito, Capadócia, Chipre, Antioquia da Síria, Constantinopla, Jerusalém, Norte da África, Espanha, França, Milão e Roma” (MCNAMARA, 2022, p. 14-15).

Em Jerusalém, no século IV, na Basílica do Santo Sepulcro, uma “peregrina” (leiga consagrada, virgem, monja?) chamada Egéria (ou Etéria?), relata em seu “diário” sua experiência na viagem que fez “aos lugares santos” e os costumes litúrgicos e de vida de oração cristã:

Para que Vossa Afeição soubesse o que ofício se celebra nos lugares santos em cada dia, julguei dever vos informar, sabendo que teríeis prazer em conhecê-los. De fato, em cada um dos dias, antes do canto dos galos, abrem-se todas as entradas da *Anastese*, e descem todos os *monazontes* e *partenas*, como aqui dizem, não só esses, mas também, além deles, leigos, homens e

mulheres, que contudo querem fazer vigília mais cedo. E desde essa hora até o amanhecer, entoam-se hinos e respondem-se **salmos**⁸, semelhantemente também antífonas, e a cada um dos hinos se faz uma oração, de fato, os presbíteros, de dois em dois, ou de três em três, e igualmente os diáconos, têm alternância com os monazotes, que a cada hino ou antífona fazem orações. (MARTINS, 2017, p. 145; 24.1)

É possível identificar claramente neste trecho do “diário de peregrinação aos lugares santos” de Etéria, que os salmos tinham importância ímpar na vida em comunidade dos primeiros cristãos, na Antiguidade. Chama a atenção que aqui já há uma espécie de “Ofício Divino”, celebrado por toda a comunidade cristã e que não estava restrita a um grupo seletivo ou ao clero simplesmente. Homens e mulheres, consagrados ou não, ministros ordenados ou não participavam da “Liturgia das Horas” por meio de orações, hinos e é claro, dos salmos.

Seja a prática da reza dos salmos nos mosteiros, seja nas catedrais, com acréscimos de outros textos e hinos bíblicos, também outros cânticos surgidos no interior da vida de oração das comunidades cristãs, deu origem ao que hoje é chamado de *Ofício Divino* ou *Liturgia das Horas*. Dentre as diversas práticas antigas de “liturgia das horas”

[...] o mais influente deles foi desenvolvido pelos monges de São Bento de Núrsia (480-547), que foi uma síntese entre o Ofício Monástico, em que todos os 150 salmos eram recitados ao longo de uma semana, e elementos retirados do Ofício da Catedral de Roma, como leituras bíblicas, hinos e responsórios. [...] Devido à importância, a Liturgia das Horas Beneditina, pouco a pouco, substituiu todos os outros ofícios locais e tornou-se o ofício padrão, que serviu de base para o Ofício Divino em uso até a época do Concílio Vaticano II. (MCNAMARA, 2022, p. 15-16)

A *Liturgia das Horas* é uma expressão orante que tem no livro de mesmo nome a oração oficial da Igreja Católica, fora a Bíblia, evidentemente. Nela, ministros ordenados e fiéis consagrados são obrigados a gastar o seu tempo diário em favor da Igreja e do mundo, como prática de serviço. Ou seja, a Igreja, procurando dar continuidade a espiritualidade bíblica da prática de “orar sem cessar”, estabeleceu a oração como um “serviço” diário a ser realizado por todos os fiéis, e a Liturgia das Horas como ferramenta necessária para tal prática. Desse modo, o *Ofício Divino* passou a ser incentivado como prática litúrgica a todos os fiéis, pelo Vaticano II, através do documento de reforma da liturgia *Sacrosanctum Concilium* (SC).

Prática está, como já vimos, não restrita a um pequeno grupo exclusivo, seja no período bíblico, seja durante as primeiras comunidades cristãs, mas que nos últimos séculos teve o seu uso restrito. “O ofício divino, oração pública da Igreja, é fonte de piedade e

⁸ Grifo nosso.

alimento da oração pessoal.” (SC 90) Os ministros ordenados e todos os que participam dele devem interiorizá-lo de tal modo que para alcançar, tal fim “cultivem melhor sua formação litúrgica e bíblica, especialmente no que se refere aos salmos”. (SC 90)

A Igreja hoje propõe cinco momentos de oração diária aos fiéis, com a *Liturgia das Horas*: Ofício de Leituras, Laudes, Hora Média, Vésperas e Completas. As Laudes e as Vésperas são as horas “principais” que devem ser rezadas sobretudo pelos ministros ordenados (bispo, padre e diácono), religiosos e religiosas. O Ofício de Leituras pode ser rezado a qualquer momento do dia, inclusive, antecedendo qualquer uma das horas. A Hora Média corresponde há três horas “menores”: *Terça* (nove horas), *Sexta* (meio-dia) e *Nona* (quinze horas).

“As Laudes enfatizam o louvor e a ação de graças pelo dom da luz do novo dia com o início de uma nova jornada espiritual”. Na perspectiva cristã, a “luz lembra a presença de Cristo ressuscitado”. “As Vésperas são celebradas quando o dia declina e nelas oferecemos o trabalho feito durante o dia, agradecendo a Deus pelos frutos recebidos.” Este horário recorda “a Última Ceia, a Paixão de Cristo e a natureza frágil de toda a Criação”. Por isso, são às duas horas mais importantes para a vida de oração (Laudes e Vésperas). As Laudes, é geralmente rezada com o nascer do sol, isto é, ao acordar; e as Vésperas, ao pôr do Sol, isto é, final da tarde (MCNAMARA, 2022, p. 30).

“O Ofício de leituras está menos vinculado a um horário específico e mais inclinado a nutrir a vida espiritual”. A sua proposta está ligada uma meditação mais aprofundada da Sagrada Escritura, vinculada a um texto patrístico, de um mestre da espiritualidade ou do Magistério da Igreja. Já a Hora Média (*Terça*, *Sexta* e *Nona*), recorda com cada uma das horas “um acontecimento particular da Paixão do Senhor e da primeira pregação do Evangelho”. Geralmente, apenas é rezada uma delas a cada dia.

A Hora *terça* corresponde à hora da condenação de Cristo, à morte por Pilatos e à descida do Espírito Santo em Pentecostes. A Hora *Sexta* celebra a crucificação e a visão de Pedro, quando ele rezou no telhado da casa e recebeu a visão que levaria à acolhida dos primeiros pagãos na Igreja. A Hora *Nona* recorda a morte de Cristo e o tempo em que os Apóstolos costumavam ir no templo para rezar. (MCNAMARA, 2022, p. 31)

Por fim, ao final do dia há a oração das Completas, ela

[...] encerra o dia e é caracterizada por um sentimento de arrependimento e confiança em Deus, antes de dormir. Geralmente é acompanhada por um exame de consciência e encerrada com a entrega de si e da comunidade à proteção de Maria, com o canto de uma antífona mariana. (MCNAMARA, 2022, p.31)

Cada uma dessas horas têm uma estrutura fixa que chamamos de “ordinário”. O “Ordinário” da Liturgia das Horas possui diversos elementos rituais, a saber:

Laudes	Vésperas
<ul style="list-style-type: none">● Invocação inicial● Hino da hora e do dia● Salmodia● Leitura breve● Responsório breve● Cântico evangélico (<i>Benedictus</i>)● Preces● Pai Nosso● Oração● Conclusão	<ul style="list-style-type: none">● Invocação inicial● Hino da hora e do dia● Salmodia● Leitura breve● Responsório breve● Cântico evangélico (<i>Magnificat</i>)● Preces● Pai Nosso● Oração● Conclusão
Hora Média	Completas
<ul style="list-style-type: none">● Invocação inicial● Hino da hora e do dia● Salmodia● Leitura breve● Versículo● Oração● conclusão	<ul style="list-style-type: none">● Invocação inicial● Exame de Consciência● Silêncio● Ato penitencial● Hino do dia● Salmodia● Leitura breve● Responsório● Cântico evangélico (Agora, Senhor)● Oração● Conclusão● Cântico mariano

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Salmos estão entre os principais instrumentos utilizados pelo Antigo Israel para o culto. Apesar de eles não terem surgido em seu território, mas no Egito e pelos egípcios, Israel procurou também compor os seus próprios salmos em vista do que acreditava e observava como crença no Deus nacional. A despeito, não há dúvidas que os salmos são uma dádiva de Israel. Uma vez que muitos deles resumem a história, a caminhada de fé deste povo. Não seria exagero, inclusive, em dizer que ele sintetiza todo o conteúdo da Bíblia Hebraica (Tanakh).

O modo poético a que os salmos foram estruturados, não apenas favorecem a oração individual, como, sobretudo, em comunidade. Por isso, fundamental na vida litúrgica. Além

disso, eles foram feitos para serem acompanhados “com instrumentos de corda”, portanto, cantados, mormente. Não à toa, composições sálmicas permaneceram em atividade para além do livro canônico. Inclusive inspirando a composição de outros hinos de louvor nas comunidades judaicas e, também, nas cristãs. Para ambas as tradições, os salmos têm importância ímpar para a vida espiritual, para a vida de oração, para a liturgia, para o culto.

A *Introdução ao Lecionário da Missa (ILM)* afirma que os salmos fazem parte da *Liturgia da Palavra* e “tem grande importância litúrgica e pastoral”. Além do mais, “é preciso instruir constantemente os fiéis sobre o modo de escutar a Palavra de Deus que nos é transmitida pelos salmos, e sobre o modo de converter estes salmos em oração da Igreja” (ILM 19). (CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2023) Assim, seguindo tradição antiquíssima, a Igreja procura preservar esta atividade de render graças e preces a Deus, em comunidade, através de seus manuais oficiais.

O Papa Francisco em seu recente documento na Audiência Geral, realizada em Roma, em 2020, que os salmos nos fazem “saber rezar”, através da experiência do diálogo com Deus”. Além disso, “Nos salmos encontramos todos os sentimentos humanos: alegrias, tristezas, dúvidas, esperanças e amarguras que coloram a nossa vida”.

Neste livro não encontramos pessoas etéreas nem abstratas, pessoas que confundem a oração com uma experiência estética ou alienante. Os salmos não são textos compostos de forma teórica, são invocações, muitas vezes dramáticas, que nascem da experiência viva da existência. Para os recitar basta ser quem somos. Não nos devemos esquecer que para rezar bem devemos orar assim como somos, sem nos maquilharmos. Não é preciso maquilhar a alma para rezar. “Senhor, sou assim”, ir diante do Senhor como somos, com as coisas boas e também com as más que ninguém conhece, mas nós, dentro, conhecemos. Nos salmos ouvimos as vozes de orantes de carne e osso, cuja vida, como a de todos, está repleta de problemas, dificuldades e incertezas. O salmista não contesta radicalmente este sofrimento: ele sabe que pertence à vida. Contudo, nos salmos o sofrimento transforma-se em interrogação. Do sofrer ao perguntar. (PAPA FRANCISCO, 2020)⁹

Os Salmos, portanto, são tradição comum de judeus e cristãos e fundamentais para a vida cotidiana, mas, sobretudo, para a vida de oração comunitária e familiar. Não é possível realizar a liturgia, seja na Sinagoga, seja na Igreja, sem os Salmos. Eles dão o tom da oração. Apontam o caminho do orante. Ajuda-nos a prestar o devido culto ao Senhor. Por fim, como disse ainda o Papa Francisco na Audiência acima: “Nos salmos, o crente encontra uma

⁹ Audiência Geral. Catequese - 10. A oração dos Salmos. (14 de outubro de 2020) Conferir: < https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20201014_udienza-generale.html >. Acesso em: 03 nov. 2024.

resposta. Ele sabe que mesmo se todas as portas humanas estiverem trancadas, a porta de Deus está aberta. Mesmo se o mundo inteiro emitisse um veredito de condenação, em Deus há salvação.”.

Referências bibliográficas

- AGOSTINHO, Santo (trad. Angelo Ricci). **Confissões**. São Paulo: Editora Abril, 1973.
- ARAÚJO, Gilvan Leite de. **História da festa judaica das Tendias**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- BROTZMAN, Ellis R. e TULLY, Eric J. **Crítica textual do Antigo Testamento: uma introdução prática**. São Paulo: Vida Nova, 2021.
- CONCÍLIO VATICANO II. **Vaticano II: mensagens, discursos e documentos**. 2. Ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Introdução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário**. Brasília: Edições CNBB, 2023.
- DAVID, Rosalie. **Religião e magia no Antigo Egito**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- GRENZER, Matthias. **A Bíblia: salmos**. São Paulo: Paulinas, 2017.
- GUERTZENSTEIN, Daniela Susana S. Bíblia Hebraica na Literatura Rabínica. 15 (2013). *Vértices*, Pág. 7-26. <<https://doi.org/10.11606/issn.2179-5894.ipPág. 7-26>>. Acesso em: 20 out. 2024.
- MARTÍNEZ, Florentino García. **Textos de Qumran**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MARTINS, Maria Cristina. **Peregrinação de Egéria: uma narrativa de viagem aos Lugares Santos**. Uberlândia: UDUFU, 2017.
- MCMAMARA, Edward. **A Liturgia das Horas**. Brasília: Edições CNBB, 2023. (Cadernos do Concílio – 10)
- NESTRE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 28^a. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.
- NICKELSBURG, George W.E. **Literatura judaica, entre a bíblia e a mixná: uma introdução histórica e literária**. São Paulo: Paulus, 2011.
- REYNAL, Daniel. **Teologia da Liturgia das Horas**. São Paulo: Paulinas, 1981.
- ROSE, Martin. **Salmos**. In: RÖMER, Thomas *et all* (orgs.). Antigo Testamento: história, escritura e teologia. São Paulo: Loyola, 2010.
- WEISER, Artur. **Os Salmos**. São Paulo: Paulus, 1994.
- ZENGER, Erich. **O Livro dos Salmos**. In: ZENGER, Erich *el all*. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Loyola, 2003.